ANC 88
Pasta 20 a 24
fev/87
056

ANC pg 5 ANC CORREIO BRAZILIENSE 22 FEV 1987

"Lobby" da fé é a 3ª bancada

Constituintes evangélicos são 32. Une-os a moral cristã

JOÃO CARLOS HENRIQUES
Da Editoria de Política

LUIZ MARQUES

Os evangélicos com Iris Rezende, o "irmão" de maior projeção política e um articulador do lobby da fé

Eles são 32. Agem discretamente, mas têm consciência de seu poder. Se reúnem com freqüência e já estão articulando o seu lobby na Constituinte. São os deputados evangélicos (ou protestantes), com uma bancada igual a do terceiro maior partido na Câmara, o PDS, e mais numerosa que a da grande maioria dos Estados.

Integrada por deputados do PMDB (15), do PFL (09), PDT (04), PTB (02), PDC (01) e PT (01), a bancada é conservadora em questões de moral e ética, mas como é um "painel da sociedade", seus membros tem posições políticas divergentes.

— Não devemos incorrer no mesmo equívoco da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que tem abandonado os aspectos fundamentais religiosos, até na pregação, para abordar questões de ordem ideológica, repetindo palavras de ordem como se fosse um sindicato ou uma OAB — afirmou o deputado Fausto Rocha (PFL/SP), membro da Igreja Batista.

Definindo-se ideologicamente como um "liberal de centro", entre o capitalismo, "que oferece liberdade sem justiça social" e o socialismo, "que traz justiça social sem liberdade", Rocha entende que a Igreja Católica, através "da ala chamada progressista", está deixando nos fiéis "a espiritual", pois pretende "a mudança do sistema democrático que nos levará a um radicalismo que culminará com o fechamento da própria Igreja".

Fausto Rocha entende que a bancada evangélica, ou como prefere, o Bloco Parlamentar Evangélico, que tem em comum "a unidade em Cristo", só deve propor e votar questões éticas, morais e comportamentais, "segundo os princípios da palavra de Deus — a Bíblia Sagrada".

Partindo desse princípio, o deputado já manifestou o seu desejo de que os evangélicos se unam em torno da liberdade de culto, da separação da Igreja e Estado, a favor do planejamento familiar e contra o aborto, a pena de morte e a pornografia nos meios de comunicação.

— Sou a favor da censura nos programas de televisão — enfatizou Fausto Rocha, ressalvando que defende "a liberdade de imprensa". Ex-secretário estadual de Desburocratização do governo Paulo Maluf, Rocha assume: "Nós, evangélicos, somos conservadores, graças a Deus".

ESQUERDA

Destoando do grupo, em sua maioria de conservadores, estão o deputado Lysâneas Maciel (PDT/RJ) e a deputada Benedita da Silva (PT/RJ), a primeira mulher negra a chegar no Congresso. Ambos, socialistas assumidos. Ao contrá rio de Fausto Rocha, Lysâneas Maciel defende uma atuação política, voltada para o social, do bloco evangélico.

Lysâneas entende que alguns evangélicos interpretam errado os dizeres bíblicos que "toda autoridade vem de Deus". Lembra que a Bíblia diz também que a "autoridade é para fazer o bem". De acordo com o deputado, "há um momento em que temos que contestar a autoridade, quando ela pratica injustiça".

Por estas distorções, segundo Lysâneas, os evangélicos normalmente não estão presentes naquilo que chamam problemas do mundo, o que leva a uma ótica pietista, com o conseqüente isolamento.

— Muitaszes, como na parábola do Samaritano, cuidamos muito da vida ve eterna ou da vida do futuro e perdemos a visão dos oprimidos, dos injustiçados, daqueles que constituem a preocupação principal do Nazareno — desabafou o presbiteriano Lysâneas Maciel.

Vinda da favela Chapéu Mangueira, no Leme (RJ), para o Congresso Nacional, ex-vereadora e hoje constituinte Benedita da Silva — a Bené — exclarece que é uma evangélica política e que pertence a um partido que tem suaspropostas formuladas. Defende que a bancada evangélica — ela é da Assembléia de Deus — se integre na luta pelos direitos sociais.

— Não somos um partido político e muito menos queremos ser levados ao gueto — afirmou a deputada, acrescentando que "iremos divergir e temos este direito, até porque, no campo ideológico, existem diferenças, mas acredito que isto não será motivo para quebra da fraternidade".

Benedita espera que os evangélicos estejam juntos na preocupação pelo social, defendendo em particular o direito da criança, através da construção de creches. A reforma agrária, na opinião dela, também poderá ser apoiada pelos evangélicos.

Lysâneas Maciel

Benedita, progressista

Daso Coimbra, o calculador da bancada

Const 87

Se depender do voto do deputado José Viana (PMDB/RO), também da Assembléia de Deus, a reforma agrária será uma das bandeiras de luta do Bloco Parlamentar Evangélico. Preso em 1964 por defender as reformas de base do presidente João Goulart, Viana é outro dos várias progressistas do grupo.

Sua definição ideológica é de "centro-esquerda" e pretende pregar a defesa dos "mais desfavorecidos". José Viana quer aumentar as restrições ao fumo, álcool, drogas e jogos. "Em moral, somos conservadores, mas em reformas, não" afirmou.

BASTIDOR

Com a Bíblia na mesa e o telefone na mão, o deputado Daso Coimbra (PMDB/RJ), coordenador oficioso da bancada, articula com o líder de seu partido, o deputado Luís Henrique, uma vice-liderança para o pastor Gidel Dantas, constituinte pelo PMDB do Ceará.

Em outro telefonema, dessa vez com o vice-líder Miro Teixeira, seu colega do Rio de Janeiro, solicita o apoio para que cada um dos "irmãos evangélicos" fique em "uma comissão estratégica". Deputado há sete legislaturas seguidas, Daso — um congregacional — admite ser um especialista do trabalho nos bastidores.

Na verdade, Daso Coimbra é considerado especialista nas previsões dos resultados de votações na Câmara. Entre outros, acertou o resultado da votação da anistia e da eleição do deputado Nelson Marchesan, na disputa com Djalma Marinho para a presidência da Câmara.

Como é bom em números, já tem algumas estatísticas do bloco evangélico. Dos 32 deputados, apenas cinco nunca tiveram atividade política. Somente sete Estados não elegeram constituintes evangélicos. O grupo maior do bloco é o da Assembléia de Deus, com 13 deputados, seguido da Igreja Batista, que conta com sete constituintes.

A exemplo de Fausto Rocha, Daso discorda da atuação da CNBB. "Ao contrário da CNBB, as Igrejas evangélicas não fazem manifestos, nem querem ditar posições para os políticos. Optamos por eleger parlamentares) para que nossa pressão se faça por quem deve exercê-la" —, explicou o deputado, acrescentando que por "questão de princípio, achamos que a Igreja tem que cuidar do aspécto espiritual, cabendo a parte política aos membros da Igreja que são políticos".

Daso considera "o lobby da CNBB igual aos dos sindicatos, industriais e fazendeiros". Ele quer que os evangélicos atuem no que chama de "princípios básicos", ou seja, os éticos e morais, deixando os "secundários" de acordo com "as tendências políticas de cada um".

MINISTRO

Na quarta-feira passada, o Bloco Parlamentar Evangélico foi em peso manifestar sua solidariedade ao "irmão" Iris Rezende, o evangélico de maior destaque no cenário político nacional. "Oramos todos juntos e o ministro ficou emocionado", disse um membro da bancada.

— A primeira autoridade que a bancada evangélica visitou foi o ministro da Agricultura, que comunga com eles a mesma fé — disse Iris. Otimista, o ministro acredita que exista alguma coisa em comum — entre os evangélicos — além da religião. Como exemplo, o ministro cita "a compreensão que tiveram de que a agricultura é um setor prioritário.